

O *tour* da experiência caminhos do Brasil Imperial em Vassouras (RJ). Qual história está sendo contada?

The *tour* da experiência (experience *tour*) Brazil Imperial roads in Vassouras (RJ). What story is being told?

Pâmela Ketulin Mattos Gomes^{*†}, Teresa Cristina de Miranda Mendonça[‡]

Resumo

Como citar esse artigo. Gomes, P.K.M.; Mendonça, T.C.M. O *tour* da experiência caminhos do Brasil Imperial em Vassouras (RJ). Qual história está sendo contada? Revista Mosaico. 2017 Jan./Jun.; 08 (1): 32-39.

Nota de Editoria

Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade Severino Sombra ou de suas Revistas.

Este artigo busca identificar o papel da política pública de turismo no Brasil, tendo como objeto de análise o Projeto *Tour* da Experiência Caminhos do Brasil Imperial na região turística Vale do Café, em especial no município de Vassouras (RJ). Pretende apresentar qual experiência histórica está sendo promovida, certificada e intermediada por uma ação pública advinda do Ministério do Turismo. Os materiais e métodos utilizados nesse trabalho se constituíram de abordagem qualitativa, utilizando um estudo do tipo exploratório e descritivo, além de pesquisas bibliográfica e documental. O *Tour* da Experiência é um projeto do Ministério do Turismo em parceria com SEBRAE e Instituto Marca Brasil de abrangência nacional desenvolvido desde 2006. Tem como propósito certificar empreendimentos que atendam aos critérios estabelecidos pelo projeto e que ofereçam ao turista produtos que promovam vivência, participação, emoções, ambientação contextualizada, atividade lúdicas, entre outras formas de experiência. Como atualmente não existe mais produção de café, as possíveis experiências turísticas no Vale do café são compostas por elementos da história e cultura desta época de larga produção cafeeira. Possivelmente representados pelos cenários das fazendas, pelos personagens escravos, barões e baronesas; pela gastronomia; danças; jogos; músicas, entre outros elementos de vivência e interpretação de um momento histórico. Contudo foi identificado que os produtos dos empreendimentos certificados, pela ação pública *Tour* da Experiência, estão desarticulados de história, memória social e ainda da história do Brasil Imperial.

Palavras-Chave: *Tour* da Experiência; Política pública; Turismo.

Abstract

This article intends to identify the role of tourism public policy in Brazil, having as object of analysis the *Tour* da Experiência (Experience *Tour*) project in the tourist region Vale do Café, in particular in the city of Vassouras (RJ). Will present what historical experience is being promoted, certified and intermediated by a public action from the Ministério do Turismo (Ministry of Tourism Brazilian). The materials and methods used in this study consisted of qualitative approach, using an exploratory and descriptive study, in addition to bibliographic and documentary research. The *Tour* da Experiência is a project of the Ministério do Turismo in partnership with SEBRAE and InstitutoMarcaBrasil since 2006. Its purpose is to certify projects that meet the criteria established by the project and that offer the tourist products that promote living, participation, emotions, contextualized environment, recreational activity, among other forms of experience. As there is currently no more coffee production, the possible tourist experiences in the Vale do Café (Coffee Valley) are composed of elements of the history and culture of this time of great coffee production. Possibly represented by the scenarios of the farms, by representations of characters like slaves, barons and baronesas; gastronomy; dances; games and music, among other elements of experience and interpretation of a historical moment. However, it was identified that the products of the enterprises certified, by *Tour* da Experiência public action are disjointed from history, social memory and also with the history of Imperial Brazil.

Keywords: *Tour* da Experiência (Experience *Tour*); Public policy; Tourism.

Introdução

O estudo sobre o fenômeno turístico tem sido crescente, sendo capitaneado por estudiosos de diversas áreas de conhecimento, verifica-se relevante desenvolvimento de pesquisa científica sobre o tema, entre eles, está a relação estabelecida entre política pública e turismo. Neste contexto, o presente

artigo pretende contribuir com reflexões nesta área, apresentando uma análise em torno do debate sobre políticas públicas de turismo implementadas no Brasil, tendo como objeto de análise o projeto “*Tour* da Experiência Caminhos do Brasil Imperial” realizado no município de Vassouras (Rio de Janeiro). O *Tour* da Experiência é apresentado como um projeto de

Afiliação dos autores: † Possui graduação em Economia Doméstica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRRJ), mestrado em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas UFRRJ e especialização em Gestão de Pessoas e de Projetos Sociais pela Universidade Federal de Itajubá-MG.

‡ Professora adjunta do Departamento de Administração e Turismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e coordenadora do Curso de Turismo.

* pamela.gomes@ifrrj.edu.br

responsabilidade do Ministério do Turismo (2010) em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e Instituto Marca Brasil (IMB) desenvolvido desde 2006. O projeto foi empreendido em diferentes regiões brasileiras, uma delas foi a região turística denominada Vale do Café, onde a cidade de Vassouras é uma das cidades integrantes deste território. Desta forma, a análise se volta para a proposta do Tour da Experiência enquanto política pública que nasce na esfera federal e é implementada nos estados e municípios, no entanto com a delegação de implantação e gestão às instituições privadas como SEBRAE e IMB.

A região do Vale do Café, localiza-se no centro-sul do estado do Rio de Janeiro, no limite com Minas Gerais, ocupando área de 5.828,0 km², sendo servida por uma malha rodoviária que permite a sua ligação com a capital do Rio de Janeiro. A denominação “Vale do Café” é especificada pelo Plano Diretor de Turismo do Estado do Rio de Janeiro (RIO DE JANEIRO, 2010), que delineou todo o território do estado fluminense formando agrupamentos de municípios que possuem características comuns quanto a sua vocação turística, criando assim regiões turísticas. A regionalização viabiliza ações conjuntas públicas ou privadas para o fortalecimento do setor de turismo com tipologia e necessidades semelhantes entre suas cidades vizinhas. Vale do Café, esta congregação abrange os municípios de Barra do Piraí, Barra Mansa, Engenheiro Paulo de Frontin, Mendes, Miguel Pereira, Paracambi, Paraíba do Sul, Paty do Alferes, Pinheiral, Piraí, Rio das Flores, Valença, Vassouras e Volta Redonda. Estes municípios fazem parte do desmembramento territorial que na época imperial compunha um território comum, onde as atividades cafejeiras eram realizadas. Importante considerar que a região produtora de café do período Imperial possuía extensões bem maiores do que hoje se configura como Vale do Café. Na realidade, esta área era delimitada pelos afluentes do Rio Paraíba, alcançando outros municípios dos estados do Rio de Janeiro, de São Paulo e Minas Gerais, configurando uma demarcação territorial distinta, denominada Vale do Paraíba. (FERRAZ, 2011)

No período imperial a região do Vale do Paraíba marcou história na política e na economia brasileira durante os séculos XVIII e XIX devido a expressiva produção e exportação do café. De acordo com Fridman (2005), Vassouras era a principal cidade do período do Ciclo do Café e sede das principais fazendas cafejeiras. Por esta razão, a história do Vale do Paraíba se confunde com a história de Vassouras, que se inicia depois da decadência da mineração no país, como o Brasil era um país exclusivamente agrícola foram os investimentos nesta área que fizeram movimentar novamente a economia, ficando o café conhecido como “ouro verde”. (LAMEGO, 2006)

Atualmente, a paisagem turística do Vale do Paraíba Fluminense é representada pelas sedes das fazendas, igrejas, estações ferroviárias e praças que constituem patrimônio cultural, artístico e histórico do referido Vale. (FERRAZ, 2011) Por estes espaços se constituírem de marcas do passado, atualmente são reconhecidos como patrimônios e como símbolos de história e memória a serem explorados pelas atividades de turismo. Além de legado, os patrimônios herdados estão sendo transformados em objetos de grande valor comercial, ratificando o surgimento de um novo vale, o Vale do Café, o vale do turismo.

Assim sendo, a cidade de Vassouras também foi escolhida como local de análise por conta de possuir cinco dos dezoito estabelecimentos que foram certificados com o Selo Tour da Experiência, sendo a Fazenda Cachoeira Grande, com o produto “Visita Histórica e Banquete Imperial”; Fazenda Santa Eufrásia, que oferece o “PicNic na Fazenda Santa Eufrásia”; Hotel Mara Palace que apresenta o “Chá com Eufrasiá Teixeira Leite”; Hotel Santa Amália com o projeto “A Cozinha da Baronesa e o “Batuque do Quilombo-Raízes do Brasil Imperial”; e Botequim Por Acaso com o cardápio “Raízes e Viagens por um Brasil Imperial”.

Neste contexto este artigo pretende contextualizar a política Tour da Experiência em Vassouras sobretudo quanto a identificação das experiências promovidas, chanceladas e intermediadas por organizações públicas e privadas. Dessa forma possui como objeto de análise os produtos de experiência desenvolvidos pelos empresários locais e SEBRAE, que se apropriaram de história e memória social para construir produtos de consumo associados à valores históricos e culturais relacionados ao Brasil Imperial.

Para investigar, discutir e analisar o referido objeto, os materiais e métodos utilizados nesse trabalho, além da pesquisa bibliográfica e documental, seguiram uma abordagem qualitativa utilizando um estudo do tipo exploratório e descritivo. O estudo seguiu os conceitos de Gil (2002), que recomenda a pesquisa exploratória quando se deseja maior familiaridade com o problema, neste caso, o estudo do Projeto Tour da Experiência na região turística do Vale do Café, especificamente Vassouras. Quanto a pesquisa descritiva, o autor versa sobre ser um método que possui como principal objetivo a descrição das particularidades de determinado fenômeno ou grupo em estudo, considerando a observação como uma das principais técnicas de pesquisa a serem empregadas. Gil (2002; p. 42) ratifica que as “pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática”. Dessa forma, diante do objeto de estudo tratado, que são as experiências turísticas, a principal técnica empregada para se entender o fenômeno foi a observação participante, que o autor explica como sendo a melhor

técnica para se entender os procedimentos adotados por determinado grupo, neste caso, os estabelecimentos que oferecem estas “experiências turísticas”. O método de observação, de acordo com Gil, é um método de coleta de dados “imprescindível”, que diferentemente das outras técnicas permite que os fatos sejam percebidos de forma mais direta e sem intermediações.

Dessa forma, através da pesquisa de campo, a observação de determinada realidade foi facilitada, viabilizando coleta de informações, análise e interpretações que constituíram fatores de reflexão e discussão desta realidade. Assim, as observações realizadas em campo se tornaram dados a partir de anotações realizadas no momento das visitas de experiência turística que são promovidas pelos estabelecimentos, as visitas representaram um momento fundamental para construção de análise crítica dos produtos de experiência oferecidos. Conjuntamente o estudo se utilizou de revisão bibliográfica e análise documental de materiais promocionais de cada estabelecimento certificado pelo Tour em Vassouras, além de documentos do Ministério do Turismo, SEBRAE e IMB. Todo material levantado foi utilizado para descrever, contextualizar e apresentar o Projeto Tour da Experiência.

O projeto Tour da Experiência se fundamenta nos princípios da “Economia de Experiência”, conceito criado no final da década de 1990 atrelado a discussão sobre uma nova tendência para economia, relacionada há futuras formas de consumo da sociedade. O Ministério do Turismo utilizou-se de duas obras para fundamentar o projeto, o livro *The Dream Society* do dinamarquês Rolf Jensen (1996), além do estudo dos americanos James Gilmore e Joseph Pine (1999) *The Experience Economy*. (Ministério do Turismo *et al.*, 2010)

Nos trabalhos dos especialistas de mercado da Universidade de Harvard, James Gilmore e Joseph Pine, o tema é apresentado com bases científicas para fundamentar a prospecção para o futuro do consumo. Os autores esclarecem que hábitos de compra tendem a se transformar ao passar das décadas, construindo um novo paradigma de consumo, orientados por motivações de compra singulares, relacionadas a memória, afetividade ou experiências únicas que determinado produto pode oferecer a cada comprador. (ROLLA, 2003) Já nos trabalhos de Rolf Jensen, o estudioso aponta para mudanças tanto na produção quanto no consumo, revelando que desde a produção já serão estabelecidas estratégias para que os produtos sejam capazes de provocar sensações e desejos de consumo. De acordo com Jensen, para provocar estas sensações elementos serão incorporados ao produto, imbuídos de valores culturais, históricos e de proximidade com a natureza, de forma responsável e sustentável. (MALTA, 2009)

O conceito da Economia de Experiência se aplica no consumo do turismo a partir do momento que o

produto turístico não se limita a oferecer observação contemplativa, também propicia sensações e percepções através do estímulo de emoções, com ambientação contextualizada e atividades lúdicas. Alguns dos benefícios sociais gerados pelo turismo de experiência, citados por Neto e Gaeta (2010), ocorrem por conta de atividades que propiciam valorização cultural, preservação e revitalização de patrimônios existentes no local, que possivelmente não eram reconhecidos antes destas ações.

Diante das inspirações teóricas que levaram ao desenvolvimento da proposta Tour da Experiência emergiu o projeto na região turística “Uva e Vinho” em 2006, no Rio Grande do Sul, em sequência novos projetos surgiram em quatro destinos brasileiros: Petrópolis –RJ, Bonito-MS, e Belém-PA e Costa do Descobrimento-BA. No sul, a região da Uva e Vinho apresenta o “vinho” como principal atrativo turístico, desde sua produção até a cultura popular no entorno da mesma, sendo assim os produtos de experiência desenvolvidos se embasaram nestes princípios. O projeto pioneiro foi implantado pelo Ministério do Turismo com parceria do SEBRAE e do Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares da Região Uva e Vinho (SHRBS) em oito municípios da região turística: Bento Gonçalves, Garibaldi, Veranópolis, Vila Flores, Nova Prata, Cotiporã, Protásio Alves e Caxias do Sul. Posteriormente, o projeto seguinte de subtítulo “Economia da Experiência: continuidade e abrangência de novos destinos”, que promoveu os quatro destinos mencionados, foi desenvolvido nos anos de 2008 e 2009 e manteve a mesma estrutura de governança do anterior, tendo como realizadores o Ministério de Turismo em parceria com o SEBRAE Nacional sob a gestão do Instituto Marca Brasil e unidades do SEBRAE das localidades implantadas. Todas propostas seguiram uma metodologia padronizada organizada em materiais desenvolvidos pelos seus realizadores mas com o adendo de que deveriam se adequar as especificidades de cada destino trabalhado. (GODINHO, 2009)

A expansão da proposta Tour da Experiência pelo Brasil é atribuída ao sucesso do projeto que foi premiado internacionalmente em 2012, recebendo o prêmio Ulysses Award, da Organização Mundial de Turismo (OMT) com o case “Economia da Experiência Tour”. (SETUR, 2013) Tal prêmio reconheceu a importância da proposta e motivou sua continuidade e expansão, contribuindo para gerar o “Tour da Experiência Caminhos do Brasil Imperial” no estado do Rio de Janeiro.

O lançamento do projeto “Caminhos do Brasil Imperial” ocorreu no final do ano de 2013 com objetivo de ampliar os destinos brasileiros com a expectativa do turismo de experiência. Neste mais recente projeto, os destinos inseridos se relacionam a uma temática específica, o período Imperial do Brasil, incluindo cinco cidades: Rio de Janeiro, Paraty, Teresópolis,

Nova Friburgo, Visconde de Mauá e a região turística do Vale do Café, considerando apenas os municípios de Piraí, Barra do Piraí, Rio das Flores, Valença e Vassouras¹; além de Petrópolis, já experiente com o Projeto desenvolvido entre 2008 e 2009. Assim, o Tour da Experiência chegou ao Vale do Café, região de importância político e econômica durante o período do Império no país (século XIX), denominado como período do “Brasil Império” ou “Brasil Monárquico”.

O tour da experiência em Vassouras

O Tour da Experiência surge em Vassouras como proposta de desenvolvimento econômico materializado no desenvolvimento de atrações turísticas que proporcionem vivência do período áureo do ciclo café aos seus visitantes. Neste contexto as visitas em antigas fazendas cafeeiras se revelam como experiências turísticas indispensáveis a qualquer turista que visita a cidade histórica. De acordo com Silveira (2007), as fazendas são o grande diferencial do turismo no Vale do Café, por serem entendidas como patrimônios peculiares e símbolo da época imperial, repletas de história e curiosidades sobre a nobreza e escravidão, além de possuírem arquitetura suntuosa do século XIX, com elementos preservados ou restaurados.

O projeto tinha como objetivo a certificação dos empreendimentos inicialmente cadastrados, para serem certificados os estabelecimentos deveriam participar das atividades orientadas pelo SEBRAE e atenderem aos critérios de execução da política, que seriam: estar relacionado a história do Brasil Imperial; a introdução de conceitos inovadores; capacitar agentes envolvidos; oferecer aos turistas acontecimentos exclusivos e memoráveis; buscar a satisfação do turista por meio de elementos intangíveis como o encantamento e a magia; captar novos fluxos turísticos com base em nichos de mercado; oferecer oportunidades para a geração de novos negócios; fomentar a criação de uma rede de cooperação entre os agentes envolvidos; reforçar a importância da aplicação de gestão mercadológica inovadora; aumentar a visibilidade e o poder competitivo do destino; valorizar e respeitar os saberes locais, como a cultura, as lendas, o artesanato, a gastronomia, entre outras manifestações materiais e imateriais únicas e peculiares (Ministério do Turismo *et al.*, 2015). Os critérios organizados para execução da política foram utilizados como objetos a serem identificados e analisados durante as visitas aos espaços de experiência e também nos materiais promocionais investigados, sobretudo no que se refere ao conteúdo histórico e social disseminados pelos produtos criados.

A partir da investigação em campo, foi possível identificar o que representa cada produto de experiência certificado. Na Fazenda Santa Eufrásia, a atividade

pelo Tour da Experiência acontece no grande gramado em frente à sede da fazenda, cada participante recebe uma cesta com alimentos para realizar seu lanche com guloseimas, sanduíches, bolos, biscoitos, rapadura, doce de leite, cana de açúcar, frutas etc. Também são dispostos nos gramados brinquedos apresentados como tradicionais, como peteca, frescobol, entre outros, entretanto, não se trata de uma tradição imperial, são brinquedos de contextos históricos e sociais distintos ao período Imperial. O produto inclui a visita à sede da fazenda para conhecer suas dependências, onde o visitante é recepcionado por personagens vestidos como sinhá e mucamas, ambas com trajes que representam a nobreza e a escravidão, respectivamente. A personagem Sinhá, nos apresenta a casa como uma guia, mostra objetos e conta um pouco sobre a história da fazenda, os outros personagens, os escravos, não se manifestam.

Na Fazenda Cachoeira Grande o produto é o Banquete Imperial, com música clássica ao vivo, onde os convidados também são recebidos por personagem que atuam como escravos na posição de conduzir os visitantes como se fossem barões até a entrada da sede da fazenda, onde são servidos de forma requintada e apreciam pratos de costume na época imperial. Além do banquete e música ao vivo realiza-se, também, uma visita guiada pela fazenda, o guia é o próprio proprietário da fazenda, conta um pouco sobre o início da fazenda até chegar a sua família. Atualmente, a fazenda não apresenta nenhuma forma de produção agrícola e sua sede foi reformada e constituída por artigos de decoração e mobiliário adquiridos através de antiquários. A visita se organiza a partir das três grandes alas da sede da fazenda, cada uma delas montada de acordo com decoração que corresponde a uma sequência de séculos. A primeira representa o século XIX; a segunda o século XX; e por fim, onde a visita se encerra, no século XXI. Identifica-se que a visita na Fazenda Cachoeira Grande se constitui mais como uma exposição de artes e mobília de época do que como um produto que gera experiências, falta representatividade do período imperial, falta também elementos que agreguem valor histórico e cultural representativos do período do Café.

Registrou-se, em ambos produtos de experiência das fazendas certificadas, que as propostas de experiência ressaltam a imponência das fazendas, o luxo e a vida da nobreza representados pelos barões e baronesas do café, onde existe também a atuação de personagem trajados de escravos em posição de submissão e respeito ao seu chefe. O papel dos escravos nestas encenações são apenas de figurantes, não possuem falas, sendo até despercebidos, foi verificado que nada é falado sobre a escravidão.

No Hotel Santa Amália, foi criada a “Cozinha da Baronesa” e o “Batuque do Quilombo”, que consta nos materiais pesquisados como um produto de experiência que se divide em dois momentos, o primeiro como

Batuque do Quilombo, realizado na parte externa do hotel, seria uma manifestação popular do maculelê e da capoeira, com serviço de coquetel de gastronomia apresentada como quilombola. No segundo momento, a atividade continua dentro do restaurante do hotel, que seria na Cozinha da Baronesa, onde são servidos pratos característicos da “fazenda dos barões”. Na visita foi explicado que o Batuque do Quilombo seria um momento de comemoração às colheitas de café. A partir desta fala, constatou-se que a temática “quilombo” está sendo apresentada pelo hotel de maneira diversa ao sentido de real da existência dos quilombos.

O produto de experiência do Hotel Santa Amália possui uma controvérsia em relação ao seu produto “Batuque do Quilombo”, pois diferentemente do que é promovido pelo hotel, o quilombo não tinha relação com comemoração às colheitas, na verdade o quilombo representava um espaço de refúgio e luta, de união com seus semelhantes, representava um movimento de resistência a escravidão. Assim, identificou-se que além da memória do quilombo ser apresentada de maneira equivocada pelo produto de experiência, também não se expressa o que realmente é relevante historicamente sobre os quilombos. De acordo com Reis (1996) os quilombos se formavam a partir de escravos fugitivos individuais ou em grupos e aos poucos se tornaram espaços de resistência, de luta pela liberdade e de revoltas organizadas em oposição a sociedade escravista.

Historicamente, estes movimentos não foram pontuais, foram constantes, ocorreram durante os períodos colonial e imperial, foram de extrema importância para o fim da escravidão, ao contrário do que a história oficial preconizava antigamente. Inclusive foi em Vassouras que ocorreu uma das principais revoltas contra escravidão, empreendidas por Manoel Congo, líder do quilombo que possuía seu nome, um dos mais representativos quilombos do século XIX. A fama de Manoel Congo causou extrema preocupação das elites, tal preocupação alcançou o governo que em represália, enviou força da Guarda Nacional para deter o quilombo e matar seu líder, por fim o desfecho desta revolta foi positivo para as elites e governo, mas logo outros grupos de resistência se formariam por todo Império.

No Hotel Mara Palace foi criado o “Chá com Eufrásia”, que conforme relato do responsável pelo hotel, a equipe do Mara elaborou a atividade baseada em uma importante figura feminina que morou por algum tempo em Vassouras, Eufrásia Teixeira Leite, conhecida como uma grande investidora financeira e filantropa, deixou importantes heranças para a cidade que se transformaram em escolas, hospital e museu. O produto oferecido conta um pouco da história de Eufrásia a partir de versos de cordel, apresentados pela própria cordelista local que se caracteriza como Eufrásia para declamar os versos. A atividade acontece no restaurante do hotel ambientado ao estilo *belle époque*, fazendo

referência a Paris, França, onde Eufrásia morou em maior parte da sua vida. Constatou-se que a proposta do Mara é bem contextualizada, envolve arte e cultura, porém apresenta algumas questões para reflexão como ao fato de se tratar de um “chá” e não de um café, por se tratar da belle époque e não do período imperial e ainda por conta da elaboração do cardápio que é apresentado como regional, mas que não foi elaborado por ninguém da região, na verdade quem construiu o cardápio regional fora uma chef de cozinha portuguesa.

Quanto ao restaurante de Vassouras também contemplado pelo Selo do Tour, o Botequim Por Acaso, apresentou como produto pratos com insumos (alimentos) que faziam parte da alimentação de populações que viveram no período imperial em Vassouras, denominaram esta proposta como “Raízes e Viagens por um Brasil Imperial”. Esta experiência é divulgada por materiais promocionais a partir de um cardápio constituído por elementos da culinária indígena, africana e tropeira. Nesta experiência identificou-se que a nobreza não foi representada, em evidência estão atores marginalizados, que assim como os barões contribuíram na construção da identidade de Vassouras. É a única experiência que faz menção aos índios e tropeiros, atores ainda não mencionados por outros produtos de experiência, mas que também fazem parte da história do Vale do Café. Apesar disso, verificou-se que não foi empregado nenhum esforço para se produzir algo inovador, pois ter elementos da dieta indígena, africana e tropeira já ocorria anteriormente e pode ocorrer em qualquer restaurante brasileiro. Para exemplificar, “Carne Seca com Aipim” é um dos pratos servidos como produto de experiência, que na verdade é uma refeição comum, dependendo da região pode ser consumida em muitas residências do Brasil, o que existe de inovador?

Murta e Albano (2002) esclarecem que quando se pensa em desenvolver as atividades turísticas, seja local ou regional, as primeiras ações geralmente são em torno de aprimorar a hospedagem, melhorar os serviços de transportes ou restaurantes e ainda as opções de lazer e compras. Os autores afirmam que “pouca atenção é dada ao visitante no que refere à informação sobre o lugar e seus habitantes, seus hábitos e costumes, sua história e suas lendas”. (MURTA; ALBANO, 2002, p. 09) Em contraponto a esta prática, o Tour da Experiência seria uma proposta cujo objetivos, além dos relacionados com questões técnicas, operacionais e mercadológicas, se direcionam para o compromisso em valorizar e respeitar os saberes locais, onde o patrimônio material e imaterial são elementos de importância como vivência diferenciada e única. Constatou-se, desta forma, que a proposta desta ação política pretende ir além do que os autores afirmam como prática convencional no desenvolvimento do turismo. Todavia verificou-se que em Vassouras, na prática, os produtos gerados pela política Tour da Experiência Caminhos do Brasil

Imperial não valorizaram informações sobre o lugar e seus habitantes.

Qual história está sendo contada?

Ao se ouvir falar sobre uma proposta de vivência de turismo que envolve experiências ligadas à história e identidade de um lugar, alguns questionamentos podem surgir. Estes se voltam para análise do conteúdo destes produtos, sobre o que e como revelam algo sobre uma história, um povo. Considerando que estes produtos podem ser tidos, até mesmo, como fonte de informação e conhecimento sobre a história e memória social brasileira. Assim, destaca-se a afirmativa de Paoli (1992) ao considerar que uma atividade relacionada à história e memória deve ter atenção também quanto a sua abordagem, pois é uma experiência social.

Para fundamentar a prática do turismo tendo preocupação quanto a sua abordagem, os autores Murta e Albano (2002) descrevem sobre uma categoria de turismo que “não se satisfaz com um conhecimento de fachada, superficial, pois também quer penetrar nos lugares por onde anda.” (MACCANNELL apud MURTA; ALBANO, 2002, p. 59) Os autores, assim, apontam sobre uma ferramenta metodológica para este processo, descrevendo que ela “descortina significados e toca emoções, ao invés de apenas passar informações factuais”. (MURTA; ALBANO, 2002, p. 9) Denominam tal ferramenta como “interpretação” e a apresentam como apoio a experiência turística crítica, capaz de estabelecer um diálogo com o turista que desperte interesse e atenção sobre contextos de preservação do patrimônio e desenvolvimento cultural. A interpretação é uma forma de destacar lugares de memória, descobrir os espaços de história, revelando características identitárias através de hábitos, costumes, ritos e mitos. Sendo que, “Há muito a fazer entre nós para otimizar a experiência da visita: estimular o olhar, provocar a curiosidade e levar o turista a descobrir toda a magia do lugar. (MURTA; ALBANO, 2002, p. 9)

Considerando os preceitos de Murta e Albano, podemos estabelecer uma relação com o turismo praticado no Vale do Café, uma região que não produz mais café, desta forma, os simbolismos deste Vale se configuram a partir de história e memória de uma época em que existia produção de café. Neste contexto, Santos (2004) afirma que memória e identidade estão interligadas dentro do processo de construção do imaginário histórico cultural. Sendo assim, o turismo praticado no Vale deveria se apropriar da história comprometida com análise crítica, bem como com as memórias sociais presentes nos modos de vida dos habitantes que por lá viveram e que conferem sentidos e significado aquele lugar. Interagir com o turista despertando curiosidades e interesses sobre a história

imperial e sobre os costumes dos diferentes povos que dividiam este território, expressam inclusive ao turista brasileiro sua própria história, representando de fato uma experiência.

De acordo com Silva (2007), a memória social se estabelece na vida social e se constrói de um espaço social, onde memórias são herdadas, recordadas, reconhecidas e dissipadas. Nora (1993, p. 9) considera que a memória social é “vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e repentinas revitalizações”. Diante de um modelo de gestão privada, preocupações surgem a respeito de como esta identidade e memória do Vale do Café está sendo criada e divulgada para todos visitantes que participam destas atrações certificadas pelo projeto.

Dessa forma, a população local é fundamental para que esta história do passado se materialize no presente. A história, memória social e os patrimônios de Vassouras se apresentam como grandes interlocutores do passado com o presente. No entanto, Ferraz (2011) revela dados sobre o descolamento entre a população e as representações da cidade no período Imperial. Demonstra que a maioria da população não se sente parte desta história imperial, poucos moradores conhecem alguma fazenda histórica do Vale do Café e não reconhecem o turismo como possibilidade de desenvolvimento econômico. (FERRAZ, 2011) Registrou-se que o mesmo ocorre com a proposta do Tour da Experiência, existe uma grande distância da população atual do que é apresentado ao turista como história e cultura local. Neste contexto, os produtos de experiência deveriam articular-se para além dos patrimônios edificados privados e das manifestações culturais criadas pelos proprietários, para que de fato haja participação popular. Esta falta de articulação entre os produtos de experiência e a comunidade local, revelam o descomprometimento com um dos critérios da política, que seria: “valorizar e respeitar os saberes locais, como a cultura, as lendas, o artesanato, a gastronomia, entre outras manifestações materiais e imateriais únicas e peculiares”.

Inclusive, após o desfecho da presente pesquisa, surgiram importantes debates na imprensa sobre esta forma de encenação da escravidão apresentada nas atividades turísticas da Fazenda Santa Eufrásia. A repercussão alcançou até mídias internacionais como *The Intercept*¹ e acordos com o Ministério Público, para que a administradora da Fazenda extinguisse este tipo de encenação sobre a escravidão, realizado através da assinatura de um Termo de Ajustamento de Conduta, demonstrando que a preocupação, com esta construção de narrativa irresponsável² sobre a escravidão, desperta atenção de caráter público.

Os resultados dessa política em Vassouras revelam a falta de comprometimento com a Política Nacional de Turismo (1992) que pretende através das ações de turismo reduzir as “disparidades sociais e econômicas”,

(BRASIL, Lei nº 8.181,1991). As práticas patrocinadas pelos empreendimentos e a despreocupação com a reprodução de uma história sem questionamentos, sem crítica, reafirma exploração como no caso da escravidão e revela que as atividades de turismo no Vale do Café, após a implementação do Tour da Experiência, continuam se baseando na apresentação de uma história sem compromisso histórico crítico. Desta forma, a política promove uma história local como objeto de consumo que não contribui com o desenvolvimento local em seu sentido mais amplo.

Ao analisar o projeto Tour da Experiência Caminhos do Brasil Imperial em Vassouras, verificou-se que os estabelecimentos foram capacitados e certificados de forma desassociada dos critérios pré-estabelecidos para certificação, como criação de produtos inovadores, valorização de saberes locais e relação com a história Imperial do Brasil. Isto revela que a política pública em função das empresas seguindo a lógica do capital, não atingiu seus objetivos propostos. Os produtos foram criados de acordo com os interesses dos estabelecimentos, o que se concretizou nas ofertas de produtos já existentes, sendo inclusive vendidos da mesma forma. No caso da valorização de saberes locais, a população não foi inserida ou consultada dentro do processo de execução da política.

Decerto que o desenvolvimento do turismo está condicionado por uma lógica de mercado planejado tanto por organizações públicas quanto organizações privadas, porém isto não significa que a participação da iniciativa pública possa ser apenas quanto aos repasses de investimentos e em aparições nos eventos de lançamento e encerramento de programas e projetos fomentados. A participação pública deve ser muito maior, deve estar presente nos momentos de decisão, diálogo e construção das ações, além de garantir atenção às relações que se estabelecem entre as atividades dos diferentes atores da sociedade, privados ou públicos. Sendo estes atores moradores, artesãos, produtores rurais, consumidores (turistas), etc. O controle público é elementar para que interesses do mercado não se sobreponham aos interesses de ordem social.

Neste contexto identifica-se que a lógica do mercado e do capital prevaleceu e impediu que a ação pública atingisse de fato a sociedade local, revelando a falta de sucesso entre a parceria pública e privada na condução desta política. Diante desta discussão, verifica-se a necessidade de espaços que funcionem como lugares para crítica, diálogo e afirmação de cidadania. Cidadania esta que precisa ser reconhecida como tal, ser apropriada pela sociedade como sentimento de questionamento perante as desigualdades sociais, às escolhas políticas e à valorização e preservação de patrimônios materiais e imateriais. Reescrever a história do período imperial, sobretudo no que tange ao ciclo do café fluminense, significa escrever esta história

levando em consideração todos os grupos sociais que participaram ativamente na construção daquele passado que quer se fazer resgatar no presente. Dentro desta concepção, não há um impedimento para personagens que representam a escravidão, por exemplo, a questão é como esta representação do negro está sendo apresentada para o turista. Pois, a história da escravidão não é só de subordinação e silêncio frente aos seus senhores, já que ocorreram revoltas e resistências liderados por escravos, os quilombos são exemplos disso.

Que história está sendo certificada, promovida e intermediada pelo Estado? Está sendo chancelada pelo Estado uma experiência intermediada por uma história sob a ótica dos Barões de café, da classe dominante, acrítica, onde estigmas sociais são reafirmados. O que se confere é o resgate de um passado excludente, aqui representado por uma aristocracia cafeeira do passado que não possui relações com a atual sociedade de Vassouras.

O turismo como ferramenta de intermediação de uma história do passado com o presente, não deveria ser instrumento ratificador de desigualdades, principalmente este sendo chancelado por recursos públicos. Os produtos certificados de Vassouras como representantes da história do Brasil Imperial se apresentam de forma pasteurizada e estilizada, desarticulada de construção crítica, ratificando a imagem do negro como escravo, reafirmando um passado de exploração e apropriação em favor de interesses mercadológicos da classe dominante.

Por fim, como “ação pública” o Tour da Experiência Caminhos do Brasil Imperial em Vassouras, se mostrou como uma política exclusivamente voltada para a expansão do mercado, onde apenas empresas foram beneficiadas com uma certificação que não cumpriu critérios básicos. A política se desenvolveu desconsiderando a estruturação da atividade, identidade com o Brasil Imperial e interesses da população local. Se demonstrando como mais uma política brasileira de turismo limitada quanto à participação social e ao atendimento de interesse coletivos.

Notas

1. Estes municípios foram os selecionados para participarem da política por conta de serem descritos como municípios de potencial ao desenvolvimento turístico de acordo com o estudo PDTIS (Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável), documento publicado em 2010 com o objetivo de ser um orientador básico para os futuros investimentos na área de turismo do estado do Rio, seja pelo setor público ou pelas possíveis parcerias privadas (RIO DE JANEIRO, 2010).

2. Turistas podem ser escravocratas por um dia em fazenda “sem racismo”. Disponível em: <https://theintercept.com/2016/12/06/turistas-podem-ser-escravocratas-por-um-dia-em-fazenda-sem-racismo/>. Acesso em 24 de maio de 2017. Fazenda e MP celebram acordo para pôr fim a encenação sobre escravidão. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/rio/fazenda-mp-celebram-acordo-para-por-fim-encenacao-sobre-escravidao-21284281>. Acesso em 24 de maio de 2017

Referências

BRASIL. Lei nº 8.181, de 28 de março de 1991. Coleção de Leis do Brasil (1992). v. 2 p. 255. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1992/decreto-448-14-fevereiro-1992-343147-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 16 JUN 2015.

FERRAZ, Rafael de Abrel. Paisagem e Patrimônio: a atividade turística no município de Vassouras (RJ). Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Geografia, Rio de Janeiro, 2011.

FRIDMAN, Fania. As cidades e o café. **Anais do XI Encontro Nacional da ANPUR**. Salvador: UFBA, mai. 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODINHO, Márcia Grespan. Proposta de Lançamento no Mercado Produto Economia da Experiência. Instituto Marca Brasil (2009). Disponível em: <<http://www.marcabrasil.org.br/site-novo/institucional/>>. Acesso em 27 DEZ 2015.

LAMEGO, Paulo. **O Brasil é o Vale**. Valença, RJ: Gráfica PC Duboc, 2006.

MALTA, Renata B. A Sociedade dos Sonhos: Uma Nova Lógica que Rege os Espetáculos idiáticos. **ECO-Pós**, v.12, n.3, set.- dez. 2009, p. 95-209, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/940>. Acesso em: 13 JAN 2016.

MINISTÉRIO DO TURISMO (Brasil); SEBRAE; IMB; SHRBS. **MANUAL TOUR DA EXPERIÊNCIA** (2010): ADESAO. Disponível em: <http://www.tourdaexperiencia.com.br/arquivos/manual_adeseo.pdf>. Acesso em: 10 NOV 2015.

_____. Tour da Experiência Cartilha Completa. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Cartilha_Metodologia_Projeto_Economia_Experiencia.pdf. Acesso em: 20 OUT 2015.

MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina. **Interpretar o patrimônio um exercício do olhar**. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG; Território Brasilis, 2002.

NETO, A.P.; GAETA, C. **Turismo de xperiência**. São Paulo: Senac São Paulo, 2010.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: os lugares de memória. Tradução Yara Aun Khoury. **Proj. História**. v. 10. São Paulo, dez. 1993. Disponível em: Acesso em: 24 de fev. 2016.

PAOLI, Maria Célia. Memória, História e Cidadania: O direito ao Passado. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). O direito à memória: patrimônio cultural e cidadania. São Paulo: DPH – Departamento do Patrimônio histórico da Secretaria Municipal da Cultura, 1992.

REIS, João José. Quilombos e revoltas escravas no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, 28 dez. 1995-fev. 1996.

RIO DE JANEIRO. Plano de Desenvolvimento do Turismo Integrado e Sustentável (PDITS) – Polo Serra (2010). Disponível em: <http://www.prodetur.rj.gov.br/arquivos/PDIT_SERRA.pdf>. Acesso em 11 ABR 2015.

_____. Plano Diretor de Turismo do estado do Rio de Janeiro. SEPDET/TURISRIO - Vol II. arte III, 2001. Disponível em: <<http://www.prodetur.rj.gov.br/arquivos/Volume2.pdf>>. Acesso em: Acesso em 11 ABR 2015.

ROLLA, Marcio M. Economia da experiência PINE II. B. Joseph e GILMORE, James H. O espetáculo dos negócios. **ECO-PÓS**, v.6, n. 1, pp. 165-167, jan. – jun. 2003.

SANTOS, Reinaldo Soares dos. O Encanto da Lagoa: O imaginário histórico-cultural como elemento propulsor para o turismo cultural na Lagoa Encantada. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós- Graduação em Cultura e Turismo, UESC/

UFBA. Ilhéus, Bahia, 2004.

SETUR (Secretaria de Estado de Turismo). Notícia. Tour da Experiência Chega ao Rio de Janeiro e Mostra o Brasil Imperial. 16 dez. 2013.

Disponível em: <http://www.rj.gov.br/web_setur/exibeconteudo?article-id=1877943>. Acesso em 20 DEZ 2016.

SILVA, Elsa Peralta. Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica. **Arquivos da Memória: Antropologia, Escala e Memória**. Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa. Português, n. 2, p. 4-23, 2007. Disponível em: <[http://www.fcsh.unl.pt/revistas/arquivos-damemoria/ArtPDF/02_Elsa_Peralta\[1\].pdf](http://www.fcsh.unl.pt/revistas/arquivos-damemoria/ArtPDF/02_Elsa_Peralta[1].pdf)>. Acesso em: 22 ABR 2016.

SILVEIRA, A. S. Turismo nas Fazendas Imperiais do Vale do Paraíba Fluminense. Tese (Doutorado) - Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.